

PERSONAGEM

**CINTURA FINA**

ENTREVISTA PUBLICADA NO JORNAL OI BICHO - JANEIRO DE 1973

**Cintura Fina**

Personagem dos mais conhecidos na zona boêmia de beagá. Fala tranqüila de quem sabe o que sai da boca, ele nos trouxe, com total conhecimento de causa, o comportamento dos caras na cadeia, apagou a sujeira que os jornais faziam com o nome dele, atribuindo-lhe façanhas de outros criminosos, que não eram conhecidos e por isso não vendiam jornal nenhum. Falou sobre o amor, o interesse, sua religião, sexo, homossexualismo. E papeou bonitamente sobre a bagunçada vida de malandro de zona que ele levou. Naturalmente, como não poderia deixar de ser, ele tomou mais que a gente.

Mas, como lhes diria o moço da chata televisão brasileira, Flávio Cavalcanti: "Respeitável público, é com prazer e orgulho que eu lhe trago o maior pederasta passivo de Belo Horizonte - senhor José de Arimatéia Carvalho da Silva

39 anos = 17 navaiada, tiro eu num vô mostrá não qui tá muito prolongado. E uma facada atualmente em 1968. Foi entre a via da bexiga e varado no quadris direito. Quem deu o tiro, bem me lembro, foi o Tiãozim, um polícia que foi meu amigo. Aliás, o meu primeiro amigo chama-se Luiz Baeta Neves, foi a primeira cadeia que eu tirei, em 53. Conheci ele na casa de correção, antiga Antônio Dutra Ladeira, que atualmente nem tem mais. Quero dizer, nesta época, o Dr. José Geraldo, os diretores tudo me adorava e eu conheci este moço lá. Era primário, ingênuo, bobo, quer dizer, foi ele que me pôs prá dentro da jogada, que eu num tava cum nada naquela época.

De fato, a minha figura é essa mesma que vocês tão veno. Mas acontece que nós, quando jovem, passamos uma fase que nós não compreendemos. A idade vai chegando e o espírito vai evoluindo e nós vamo transformando, samequié? E eu fui um dos jovens que sofreram essa conseqüência.

Sou de Fortaleza, capital, Ceará mermo. Saí de casa cum 14 anos e já vim perturbano: Recife, Salvador, Bahia, Rio, Belo Horizonte, São Paulo. E a minha perturbação, por isso, é de longa data. Cum oito anos, eu já era conhecido nas rodas por Zé Mariquinha.

Fui colega de Madame Satã. Tiramos Ilha Grande junto. Atualmente, ela trabalha na boate da Sucata. Não, nós nunca transamos junto não, ela vivia a vida dela e eu a minha.

Sempre achei a mulher o máximo. Na minha parte, fora o sexo. É o máximo, porque é compreensiva, porque é amável, não digo todas, mas a maioria. Quero dizer que tem certas pessoas que não entende esses



*Cintura Fina*

foto: Orneves

PERSONAGEM

**CINTURA FINA**

ENTREVISTA PUBLICADA NO JORNAL OI BICHO - JANEIRO DE 1973

pormenores e acham que a mulher, coitadinha, acham que ela tem que ser esculachada e batida, tem que sê espancada. Numa hora dessas, eu achava, e acho, que num ta certo e eu tinha que defendê elas.

Borocochô? Essa expressão eu num admito não, tá bicho? Cê já viu cumequié, o caso é o seguinte: a minha umbanda já é de berço, a minha cabeça nunca foi raspada não... Quer dizer, que é de nascença. Eu, cum sete meses, chorei na barriga da minha mãe. Minha mãe tava um dia no terraço, tava grávida de mim. Lá em casa tinha umas galinhas pretas, galinhas gigantes, aí uma delas foi e fez uma porcariada lá, né? Aí minha mãe olhou prum lado, pru outro, falou: hum, inheco!... cumeu; pronto, foi o desejo de minha mãe; saiu esta sujeira qui tá qui.

Mulher na minha vida? Me joga uma pedra na minha cabeça, mas não me pergunta isso não, tá?

A minha primeira cafetina foi a Tianinha, do Nova América. Foi lá que eu conheci os malandros próprios mermo. Dá licença da expressão, mas eram os próprios policiais, sabe por causa de quê? Eu sou dançarino, dançava e bebia bastante, quer dizer que eles mesmos eram os únicos cafetinos que tinha. Quando a Tianinha me viu, eu era menor né? Eles aceitavam eu dançar lá e tudo, mas ela tinha que dar cerveja bastante. Lá tinha o Dirceu, amigo da Rosinha, que era chefe da patrulha, o Cearense, o Agostinho dos Santos, o Ciganão, tinha o Dr. Sílvio de Carvalho, chefe de roubos e furtos, o Lincão, o pessoal todo me conhecia como transviado.

Não, eu nunca levei ninguém pru suplício não, de jeito nenhum. Cê sabe que é o seguinte: eu também sô do sexo, não resta dúvida. Eu era loiro, tinha este cabelão grande, aqueles cintos longos de elástico que usava, uma porção de coisa, e, isso dava mais ajuda à personalidade. Aí eu me vestia todo cheio de balangandãs, todo bonito, aquele negócio tudim, que cê sabe; naquela época, eu era jovem, tinha meus peito pustiço. Mas acontece que o home é sempre curioso, às vezes tá veno uma coisa errada, que num tá certo, mas ele que metê o dedo pra vê se tá certo ou não. Tá entendeno? Então num dá pra entendê, a gente tem que saí pru pau.

No cárcere, os maiores crimes é devido ao sexo, tá entendeno? São da pederastia. E a própria diretoria, os diretores lá nos favorece, sabe? Nos favorece para evitar conseqüência maior, da bagunça. E isso somente pras bichas. Porque, no cárcere, minha filha, mulher de preso é preso mermo.

Olha, meu amor, vem cá, em qualquer ambiente, eu não sei se neste aqui também, eu sempre fui a rainha, ta entendeno? Então, se o xerife chegava e se ele tivesse capacidade de comandar a turma, porque isso, bicho, num é pra qualquer um não, entende? Então ele chegava e eu tinha de sabê quem era ele. É isso mermo, conferi o xerife, trocá uma idéia de res-



*O Jornal Oi Bicho, edição em que a entrevista foi publicada*

foto: Orneves  
ilustração: Lúcio Baía

PERSONAGEM

**CINTURA FINA**

ENTREVISTA PUBLICADA NO JORNAL OI BICHO - JANEIRO DE 1973

ponça. Se o cara tivesse capacidade, ele mandava. Aí num havia grilo nem nada, eu ficava, tranqüilamente, ao lado dele.

A polícia teve uma influência na minha vida. Digamos assim: Você é um rapaz jovem. Faz um ato assim, irrefletidamente, e, então ele se torna conhecido publicamente. Os mais velhos, mais experientes não se achegam pra indivíduo pra dar uma oportunidade: "Ó, meu filho, você errou e tal, esperamos que isso não se repita", uma coisa assim, sabe? Aí o cara se sentiria feliz com aquilo e poderia haver até recuperação. Agora, eu pego você, ponho no xadrez, te bato, te espanco: sua revolta é íntima, você sai dali e nem quer saber de nada; "então, eu vô estraçalhar tudim", e sai botano pra dêfu.

Eu tenho medo sim, mas é de mim próprio. Cê vê que nós temo um sexto sentido de defesa, num temo? Se agora chegar aqui um cão, você pega e faz assim (estala os dedos) tap, tap, tap, agrade ele, então ele te aceita. Agora, puxa o rabo dele pra ocê vê. Ele num reage?

As minhas brigas mais foi íntimas, porque eu sou muito violento nos meus amores. Se você me trata cum amor e carinho, eu lhe dedico de corpo e alma. Quer dizer, que a maior briga que eu tive foi com meu próprio amigo. Nós brigamos tudinho. Dia, ele foi e chegou no meu quarto e eu disse: ó, eu num te quero mais, eu arranjei um ôtro. Aí, eu mostrei o retrato do ôtro. Ele também era muito violento e ciumento, essas coisas. Aí, cê já viu né? Brigamo. Briga violenta. Ele me deu 17 navalhada. Eu num tinha nada pra brigar cum ele no momento. Então, eu dei um soco assim no espelho, tá me intendo? E quebrei um caco de vidro. Ele me dava uma navalhada e eu dava uma vidrada nele. Foi a maior violência da minha vida. A segunda, foi um outro amigo que eu arrumei depois desse, o Tiãozinho. Na Oiapoque com São Paulo, ele me deu um tiro na barriga. Nesse tempo, eu usava navalha sempre no cinto. Depois que ele me deu o tiro, eu peguei e dei uma dura no braço dele, tomei o revólver e puxei a navalha. Aí, tirei a orelha dele fora.

Eu num usava a navalha amarrada em cordão, meu filho, faz favor, cê já viu aquele elástico de fazer estilingue? Sabe como é que o barbeiro abre a navalha? Ele num junta assim aquelas duas partes? Pois é, cê já deixa daquele jeito e pronto. Agora, cê tem que praticá, para quando fazer: "PUM", ela vai aberta e volta aberta. Cê tem é que sabe cumé que vai apará ela.

Eu sempre defendi as pequenas, as mulheres, porque minha mãe foi mãe solteira. Apesar de num tê uma grande infância, eu fui criado cum minhas tia. O meu pai, só conheci depois de nove anos. Derivado aquele ambiente de minino, mulher que é mulher num tem orientação pra dá a ninguém. Então, elas falava que eu tinha que aprender a lavar roupa, passar, costurar, proquê, "amanhã, ou depois você pode andá pelo mundo e cê precisa aprende a cuida de si próprio". Quer dizer, aquela mentali-

PERSONAGEM

**CINTURA FINA**

ENTREVISTA PUBLICADA NO JORNAL OI BICHO - JANEIRO DE 1973

dade atrasada e antiquada, né? Foi esta a educação que eu tive. Quando eu levantava, às seis horas da manhã, ia pra igreja: fui ser sacristão, tá intendo? (riso) Foi lá que eu entrei pra sê padre e saí freira. A minha educação foi tão fina que, quando eu saía na rua, eles gritava: Ó, o Zé Mariquinha.

Suicídio? Eu jamais pensei numa coisa dessa, imagina, a vida é uma coisa tão boa, formosa. Antigamente eu num sabia. Mas agora é que eu sei o que é a vida. Já prestou atenção? Nós tamo aqui numa conversa agradável, tomando um whisky, um negócio assim, devagar e sempre, você num acha? Isso num é importante?

A minha agora? Ó, meu filhote, cê já viu meus documento? Que que tá escrito neles? Eu num sô alfaiate? Pois é, faço calças, pantalonas, biquínis. Bem, de vem em quando, a gente costura para fora sim, a gente precisa sobreviver, entende? Eu num tava lá em casa tomando café quando você chegou? Tava você e aquele escurinho, num tava? Cumé mermo mo o nome dele? Marcinho? A, Marcinho, né? Ô Marcinho. Puxa, aquele cara é jóia, hein?

A pessoa que mais me compreendeu até hoje foi minha mãe. Aliás, ela é uma senhora que propriamente num é minha mãe. Minha mãe morreu para me dar a vida. Essa senhora, eu conheci ela, visitano o filho dela na cadeia. Dona Nana, a minha mãe de santo espiritualmente. Essa senhora, tá intendo? Ela tem um centro espírita chamado "Santa Bárbara Virgem", onde freqüentemente estou. Essa senhora me deu todo o apoio moral, toda a decência. A única pessoa que eu gosto. Quer dizer que: sempre quando me perguntam qualquer coisa, eu respondo o nome dela como minha mãe. Então eu sempre digo: "Mulher valente é minha mãe".

*O Jornal Oi Bicho, edição em que a entrevista foi publicada*

ilustração: Lúcio Baía

